A morte do artista

Warley Matias de Souza



Warley Matias de Souza

A MORTE
DO ARTISTA

Souza, Warley Matias de, 1974-
A morte do artista / Warley Matias de Souza. –
1ª ed., 2014.
ISBN 978-85-910742-5-9
1. Literatura brasileira. I. Título.
CDD-B869
A MORTE DO ARTISTA

Capa: *Gabriel Lavarini*

(Obra revista pelo autor em 2024)

A Vítor Gabriel (Vitório), artista inquieto a quem sou grato pela troca de ideias, valores, experiências e afetos única, inesquecível e grande inspiradora desta obra.

A morte

A morte é uma realidade. Não é sonho nem pesadelo, é fato. Está presente a todo o momento, pois é tão forte quanto a vida. Já temi a morte. Já desejei a morte. Já desafiei a morte. Já desdenhei da morte. Faça o que fizer, ela continua lá, sempre soberana, acima do bem e do mal. Aqueles que a temem vivem a vida com parcimônia. Os que a desejam vão ao encontro dela com vontade e insanidade. Aqueles que não a temem vivem a vida com uma intensidade invejável, sem limites. Há aqueles supersticiosos que não gostam de falar da morte, como se pronunciar o seu temido nome fosse trazê-la para si; como se ela já não estivesse ali do seu lado, sem que você precise chamá-la. Muitos querem driblar a morte, buscando a esperança de uma vida eterna. Os filhos são uma forma animalesca de fugir, ilusoriamente, da morte, a sensação, para muitos reconfortante, de que parte de você se perpetuará. A arte é uma forma transcendental de fugir da morte. Mas viver, acima de tudo, é morrer. Morremos a cada dia, morremos a cada momento. Respiramos para afastar a morte. Mas gozamos para senti-la, pois o gozo é um pequeno morrer. Do gozo ressuscitamos e para o sofrimento renascemos. A vida é dor, é sofrimento. A morte é cessação de vida. A morte é gozo. E enquanto o gozo não vem, aproveito a dor. Planos a curto prazo, pois o gozo pode sempre vir ao cruzar a próxima esquina. Esperança de poder realizar os planos feitos e só ser ceifado da dor quando não

houver risco de deixar algo inacabado. Mas isso é mais uma ilusão. Não somos tão indispensáveis assim como pensamos. Outros farão uma obra melhor do que a sua, pode ter certeza.

Sombrio

Caminho por um mundo sombrio onde Narcisos e seus espelhos interrogam a minha tristeza. Vejo lágrimas escorrendo pelas paredes e vazios por trás da alegria de sorrisos. Tenho encontros fugidios para aplacar o meu desejo. Preguiça de caminhar pela estrada de letrinhas safadas que se escondem de mim buscando o refúgio do vento que as leva para bem longe. Insisto em buscar os porquês apesar do silêncio. Começo a acreditar que os fatos que povoam a minha memória são apenas ilusões de uma mente que foge para não morrer. Quero morrer como um pássaro selvagem que para de cantar. Quero imergir no silêncio profundo da inexistência. O gozo já não pode mais nutrir a minha carne. Caminho entre nuvens negras e labirínticas, buscando sem esperanças o sol, ao mesmo tempo em que o temo, como vampiro secular que busca a escuridão das tumbas, sedento de sangue contaminado de dor e ódio. Sinto cheiro de esperma fecundando o vazio e perdendo-se por entre dedos frios. Vejo mil olhos se encontrando e se afastando sem emoção. Não creio em Deus e nem no amor, mas imagino que uma explosão metafísica nos espera em alguma outra dimensão. Sinto cheiros de corpos de homens sem disfarces de cremes e perfumes. Volto ao início sem conseguir atingir o fim. Confundo-me no meio de tanta organização. Busco o som de palavras chulas nos ouvidos que nunca puderam ouvir o canto dos anjos. Sinto a realidade dura e fria do chão.

Chafurdo na lama como um porco chafurda na merda. E quando sorrio, ilumino a vida de alguns infelizes que ainda não perderam a esperança. Busco a morte na madrugada fria perturbada pelos latidos dos cães. Sinto frios na espinha misturados a lembranças. Amo a paz, mas prevaleço na guerra. Sou afetado por outros corpos, por sorrisos e pela rejeição. Lamento a ignorância da mesma forma que abomino o perdão. Quero ser cruel, mas sou crudelizado. Vejo corpos solitários iludidos por espelhos, dançando deprimentes numa pista lotada de corpos vazios e podres. Por um momento me sinto deus e no momento seguinte viro formiga inconsciente da imensidão. Quero morrer sem a dor dos desesperados. O caminho de pedras amarelas há muito tempo chegou ao fim.

O sublime

A busca de espiritualidade é a fuga de nossa animalidade. Não suportamos lidar com nosso lado animal, que nos impõe sensações ancestrais que não conseguimos compreender. Ouço Wagner enquanto tomo um copo de leite, já não se fazem boêmios como antigamente. Ontem vaguei pelas ruas vazias, enquanto a chuva tentava tirar de mim a minha humanidade. A razão fracassa, por isso as religiões triunfam. Diante da complexidade, o homem, de joelhos, implora a intervenção divina, deixa a fé nublar seus olhos. A cegueira é melhor do que a solidão. Minhas noites são longas, meus dias estão cada vez mais escassos. Se eu fosse otimista, teria esperança de que há algo mais, em algum lugar que nem a imaginação de um escritor pode alcançar, pois aqui parece ser tudo tão mesquinho. Tento me perder nas palavras, como Alice se encontrou no país das maravilhas. Se a religião é uma fuga, a arte também é. E me pergunto. Sei apenas que o mundo me oferece pouco demais. Sou um vampiro morrendo à míngua, pois todo o sangue está contaminado pela mediocridade humana.

Homofóbico

Hoje acordei homofóbico. Olhei o meu corpo nu no espelho grande que fica no meu quarto. E, pela primeira vez, não me amei tanto quanto costumo me amar. E pensei no porquê de ter este abdômen cheio de gomos duros, estas pernas musculosas, este corpo todo depilado. Por um momento, tive a sensação de que estava aparecendo uma mancha no meu rosto. Será que o tratamento não dera certo? Ah, meu guarda-roupa! Por que tantas roupas de grife? Por que tantos sapatos caros que nem uso? Não, não devia valorizar tantas coisas efêmeras. Devia mesmo é não me importar com a beleza e me apaixonar por um homem comum, mas de caráter; não devo mais menosprezar aqueles que não se enquadram no padrão de beleza *gay*. É, a partir de hoje, darei mais valor ao caráter, ao conhecimento. É, não suporto mais essa forma vazia de ver a vida. Mas, *God!*, o que é aquilo ali na televisão? Jesus!, que cara feio e gordo! Olha que roupa mais ridícula! Ai, por um momento trágico eu pensei que estava me tornando homofóbico. Mas não, a minha futilidade é o que me faz sobreviver. Que alívio!

Perplexo

Acordei às oito horas; mas a cama me prendeu até as doze, quando me pus de pé, perplexo diante do mundo. Um homem de olhos azuis me olhou entre gentil e assustado, leu em meus olhos algum segredo terrível que eu próprio desconheço. Caminhei, perplexo diante do mundo, entre vermes e carros, perplexo. Um cão foi atropelado, ouvi perplexo seus ganidos de dor. O trânsito semiparou, uma velha com alguma humanidade pegou o cão, que ganiu reagindo ao toque, colocou-o num cantinho da calçada. Pessoas se juntaram em torno do cão acidentado; não era curiosidade, era compaixão. Afastei-me, perplexo, já que não podia fazer nada de concreto, nem mesmo dar carinho. Vi formas rostos cheiros a beleza não me causou desejo, eu frígido e perplexo diante do mundo. Voltei para ver o cão acidentado, ele sozinho, num cantinho da calçada, quieto, evitando a dor, abandonado em sua dor; nos seus olhos tristes e abertos, um segredo terrível que ele parecia conhecer. Continuei a caminhar eu sozinho entre os vermes, implacável, feroz, sem olhos para chorar, perplexo diante do mundo, diante do mistério protegido a sete chaves, guardadas por um gigante acorrentado.

Prisão

Sou uma cigarra aprisionada por formigas. Sinto cada olhar, cada sorriso, percebo todos os seus significados, fico exausto por ver tanta feiura por trás de belos olhos e de belos sorrisos. O futuro é um amontoado disforme de carne em putrefação. Em todos os cantos, há vampiros sugando um pouco da minha existência. A minha criação volta-se contra mim como fera vingativa perseguindo o domador. Vejo coisas que os outros não veem, a consciência tem um quê de solidão. Meu duplo é inexistente. Sou mendigo de luz num mundo de escuridão. Recorro ao silêncio, pois os ouvidos são surdos para a minha voz. Ouço vozes, vejo olhos, sorrisos, a feiura de almas em decomposição. Caminho como um menino cansado após um dia de trabalho. Quero fugir, como fazem os ignorantes e levianos; mas só consigo me esconder num cantinho escuro dentro de mim mesmo.

Morrer

A morte é minha companheira. Não existe vida, existe morte. Não existe fim da vida, existe fim da morte. A vida é morte. Cada letra digitada é uma morte. As areias do tempo são implacáveis. Cada grão de areia é morte. Morre o instante. Morre o pensamento. Morre a palavra. O ontem não é vida, é morte. O agora é... morte. Vida é morte. Morre o poema. Morre o sorriso. Morre o livro. Morre o sonho. Morre a dor. Morre o prazer. Reviver é remorrer. Não existe vida. Existe morte. Os olhos são o espelho da morte. Sofro a morte que não morri. As palavras mortas que não escrevi. Sofro o prazer que não morri. O pensamento morto que não agarrei. Morrer vários mundos. Morrer várias emoções. Só a dor morre lentamente. Sou morte. Respirar é morrer. É preciso aprender a morrer. Só o sábio sabe morrer. Quero morrer mil mortes ao mesmo tempo. Temos pouco tempo. O sábio sabe aceitar a sua morte. O último suspiro pode chegar a qualquer momento. Já desejei o fim da morte, o último suspiro.

Etilicamente modificado

A Gabriel Lavarini, doce ébrio.

Pica das galáxias. Estuprador de bonecas. Vaga-lumes luminorreticentes. Pererequinhas caninas. Sanguessugas aquamóveis. O dominó positivo. O dominó negativo. Eu quero ser abduzido!

Memórias

Minhas memórias são quartos sombrios, ruínas, coisa feia, carcomida, estranheza sem fim. Não sei dos rostos ou ações, nem dos amores e ódios, tampouco desejos dores confusões. Não vejo sinto os beijos e cheiros. A lama em que me afundei até os joelhos, podre, triste. Não consigo organizar o caos. Se fecho os olhos em busca delas, fragmentos encontro sem solução. E sinto esse nó seco na garganta, esse oxigênio preso no peito, essa depressão amarga, essa sensação sem nome, e me apego a ilusões, e quero desesperadamente ser abraçado até sufocar. Minha enorme fragilidade, ferida aberta. Tento agarrar-me desesperadamente à razão, na tentativa de afastar o *nonsense* de minha existência. Sou equilibrista em corda bamba. À beira do abismo e oprimido por um vasto céu azul.

Lúcifer

Quando arrefecer a paixão, restará a consciência, luciferina, espinho no pé, cisco no olho. Soberana lucidez, escondida por trás de açucaradas sensações, luminescência no oculto do prazer. Aos pobres de espírito o pobre reino dos céus. O fogo eterno, inferno para os ignorantes, paraíso da razão. Casca grossa em contato com o mel que escorre sem penetrar, sem invadir, cinto de castidade que impede o estupro do saber, o sêmen da idiotice terá como único destino a infecunda inexistência. E os asnos pensarão que eras cultuador do diabo, pois é mau tudo aquilo que não crê, tudo aquilo que sabe.

Vitoriedades

Pequena epifania dedicada ao Vitório, que me inspira a compartilhar delírios.

Com suas agulhas existencialistas, Vitório perfurava o meu cérebro, que, estimulado, agitou o meu sono noturno na (des)construção de epifanias e inquietações. Impossível não reviver as ideias do momento eternizado/ enraizado agora. Palavras, na minha mente labiríntica, flutuam, redemoinhos de palavras ditas sob peso de entorpecimento consciente. Minha essência é a não essência, inadaptado, filho da puta edipiano, *voyeur* da realidade, emasculado existencial. A experimentação não me atrai, estou sempre fora, é de fora que vivencio o espetáculo humano, minha catarse ocorre no olhar do outro, na máscara que se contorce no ato de existir, no corpo que busca o equilíbrio na corda bamba. E, no ponto de ônibus, a vida passa ao meu lado e dentro de mim, enquanto escrevo, de improviso, neste pedaço de papel, caneta em punho, empunhetando a vida, sem esporrar, pois a porra é a morte do desejo.

Olhar zumbi

O brilho do olhar do ébrio é obscuro, um olhar que me atravessa. Gosto do olhar que para em mim, que me devassa, do olhar sóbrio, aquele que desvia, mas que muito revela. O olhar do ébrio é vazio. O olhar do sóbrio é cheio de medo, terror, tristeza, alegria, desejo, incertezas, dor e infinitudes. O olhar do ébrio é zumbi. O olhar do sóbrio é homem em dia de sol. O olhar do ébrio não me provoca, não me perturba. Já o olhar do sóbrio, ah! esse me tira o chão.

Conflito e gerações

E, de repente, a sensação de que me enganei por longos anos ao pensar que me diferenciava do resto, que escapava do lance cíclico da história. Uma geração que não bebeu, não fumou, não cheirou e não trepou. Isso nos diferenciava dos loucos da geração 60, isso nos dava a sensação de originalidade, a geração da consciência, do passo certo em direção ao destino exato, geração cartesiana, em busca do sentido por meio de toda a inebriante razão, geração AIDS, geração camisinha, geração água mineral (sem gás), geração da paz sem amor. Pois eis que percebo que a atual geração bebe, fuma, cheira e trepa, muito aliás, e acredita estar sendo original, da mesma forma que minha ingênua geração também acreditou. E, dentro de mim, essa sensação de monotonia corrosiva, essa overdose de *nonsense*, e a percepção de que somos essencialmente banais. Não somos únicos, somos iguais a eles, mortos no tempo, caveiras corroídas pela fome da terra, vivemos *déjà-vus* monótonos. Resta-me então a minha diferença de raça, de sexo, de classe, de preferência sexual, resta-me o entrelugar em que me encontro, em que sempre me encontrei, um rasgo de não pertencimento, resta-me o ar que ainda respiro, meu suor, meu vômito, minhas fezes, meu mijo, minha porra, o meu fedor de carne apodrecendo. No final das contas, talvez só o que me reste, de fato, seja a animalidade e nada mais.

Fornicação literária

Hoje alguém me perguntou qual era a minha fantasia sexual. Diante da pergunta tão original, resolvi não responder o meu costumeiro “Não tenho fantasias”. Revelei-lhe, enfim, o meu segredo, uma fantasia tão perfeita pelo seu alto grau de impossibilidade. Fazer sexo enquanto escrevemos, um texto escrito a quatro mãos, pois a palavra me excita, uma espécie de procriação literária, um texto concebido em meio à sexualidade. Mas é difícil encontrar a pessoa certa e o momento certo, é preciso inspiração mútua, tanto para o sexo quanto para a escrita, é preciso uma sintonia quase inatingível. Corre-se o risco de que tudo termine somente em pura escrita ou em apenas pura sacanagem. Por isso, é uma fantasia, uma quimera literária e sexual, a qual meu interlocutor achou “coisa de louco”. Afinal, é normal a fantasia do sadismo, do masoquismo, do estupro consentido, do “bebê” que leva palmadinhas da “mamãe” e tantas outras “normalidades” humanas. Minha fantasia é coisa de louco, louco do bom, aquele que vê poesia na pedra e na merda, que sente a vida em carne viva, que busca o contato, o cheiro da pele, a saliva abundante inundando tudo, o suor, as palavras proferidas antes, principalmente durante, e depois, em processo longo de toque e sensações, de sentidos, de postergação do gozo absoluto, que não deve ser o objetivo final, mas um acontecimento, o gozo tem que fluir. O resto é o não prazer, monotonia de me sentir vivo, de provar a mim

mesmo a minha existência. Eu quero mais é chupar o pau de Caio Fernando Abreu e morder os lábios de Clarice até arrancar o sangue. É que minha virilidade não está no meu pau, não está no meu cu, minha virilidade está na minha mente. Quantos orgasmos sentidos sozinho em meio a palavras, no processo de criação que me excita. Sexo, para mim, é amar intensamente o outro naquele momento prolongado de carícias e palavras, mesmo que depois venha o esquecimento daquele corpo outro que se confundiu com o meu. Sexo, para mim, são corpos escrevendo textos, muitas vezes ininteligíveis ao olhar nublado do animal cego de desejo.

In & out

Não parte, à parte, aparte, partido, apático, 75 mg, deslocado, desfocado, 75 mg, real, irreal, surreal, 150 mg, dentro, bem no fundo — fora.

Esquecimento

Você se esqueceu de esquecer e ficou na minha lembrança como coisa morta que não quer morrer. Como um olho por trás da porta. E a nossa história torta, cravada como espinho no pé, quis reviver, mas nasceu morta. Um aborto, sem um olho, mas por trás da porta. Essa sensação de mormaço tropical, mórbido suor no peito, pelos cheirando a mofo e a sangue de animal. Luto com o esquecimento, maquio a lembrança. Os beijos voam ao vento. Mas o momento, ah! esse não se cansa.

Úteros

Quando um olhar encontra o meu e sinto a lembrança do calorzinho quente do útero, quase cedo, quase caio na vertiginosa armadilha do inconsciente. Pois todos nós, sanguessugas uterinas vorazes, buscamos necessariamente estar em pares. É por isso que, quando o outro se vai, é logo substituído, porque abandonar o útero é mais difícil do que abandonar a vida. Então, resisto, não quero ser escravo de minha mãe, útero onipresente. E também porque não superei (não superarei) o trauma de ser expulso do paraíso, anjo decaído que sou, expulso do útero. E se de novo o olhar fugidio me convida a ressentir a proteção uterina, a lembrança da dor de ser parido de novo e de novo é tão insuportável que resisto, quero ser homenzinho crescido e emancipado, por isso alimento o ódio por minha mãe a cada movimento da respiração independente a que ela me condenou. E tento não ser como aquele que me sorri, que não sabe e se entrega, inconsciente, à esmola do olhar, tenta fincar âncora em cada útero que o recebe, ignorante de que a âncora serve apenas para sangrar esse porto inseguro, que o expelirá fatalmente, pois existe não para viver cheio, mas para buscar o vazio.

Antissocial

Não gosto de gente, pessoas me deprimem, rejeito a massa reunida, roçando-me, promíscua, em alegria forçada de fim de semana. Sou homem de um homem só. Não suporto animais humanos reunidos em celebração, ressinto seus olhares, cheiros, gestos, verdades não ditas. Seus esgares de felicidade-comercial-de-margarina me destroem, como bigorna de desenho animado anos 50, ah! recebo suas dores e suas dúvidas, sinto o desprezo de ser, sou antena que capta o infinito amesquinhado pela animalidade. Quero meu quarto, minha solidão e meus fantasmas.

Mantra

Morre, menino, morre. Ela não vem. Morre, menino, morre. Quero viver.

Sem cio

Assim mesmo, inacabado. Insatisfeito. Pau mole diante da caralhuda vida. Malcomido, foda sem porra e sem esgares. Foda mecânica. Textos inacabados. Teorias secas de sentido. Inexistir. Desistir. Não insistir. Realidade única da falta de comprimidos. As pílulas regem o mundo. Não um passarinho. Mas cão vadio lambendo cus alheios enquanto esconde o seu com o rabo entre as pernas. Sem olhares, sem medos, sem palavras inundando a mente em busca de *nonsense*. Na sarjeta vizinha. Possuir a dor alheia. O cu da felicidade tem preço. Essa prostituta andrógina, de cacete grande e rijo. Nenhum prazer é de(s) graça, nenhuma dor é de(s) graça. A felicidade não é uma quimera, tem colhões cheios de porra, regando bocas sedentas de um pouco de vida. Puta! Sangra minhas lágrimas. Fria. Puta fria. Fábrica de porra alucinógena. O cansaço não é uma opção. Estupro consentido. Atravessado por mil machos em noite seca de inverno. Chicotes sobre as costas. Cadela demoníaca! Sem cio. Como morrem os anjos que não quiseram nascer. Antidepressivos ineficazes. Lacanices de merda. A única solução possível. Prostituta passiva, inundando de porra a buceta suicida. Atravessado por mil machos. Êxtase. Catarse. Lassidão. Meta-me goela abaixo a porra da vida. Em observação. Vomitar a porra que inundou as entranhas. Pele e osso sobre o chão. Olhos secos de lágrimas e de luz. E acordar de repente e exercer a função. Afundar no mais fundo de mim. Privilégio

não consentido. Dei o cu para a vida, a seco, sem saliva. Fodeu-me com indiferença de ator pornô. Meu cu dói enquanto ela ri.

Liberdade

A liberdade é condição inerente a almas expulsas do paraíso, indignas da prisão que entorpece os sentidos, conscientes da dor, coisa de que se foge. É guerra, ódio, revolta e solidão. Consciência imposta sem mel e sem flores, pedra bruta destinada àqueles que suportam a dureza do chão, marginais até mesmo na marginalidade. Não há liberdade sem dor, no amor, na paz. A liberdade não é uma escolha. Filhos da irresponsabilidade e do caos, os falsos libertos proclamam-na, estátua vazia na Ilha da Liberdade.

Palco

O palco espera o grito do ator. Pregar no deserto. Depois da tragédia, o riso perfurou meus lábios. Sem libido existencial. Olhar profundo para a plateia atenta. Não a vejo, leio a parede e seus escritos. Olhar baço no meio do escuro. Aperto o peito na tosse cênica, que expulsa o catarro do pulmão enxovalhado de fogo. Não! Grito. Cumpro a função. Virgem estertorosa sem toques de mão. Os olhos continuam abertos. Veem tanto! Atravessam-me as falas e rasgam minha garganta. Não quero. Vomito o sangue do ódio. Não quero. A cabeça dói. Dormir. Atento à respiração. Manter o controle. Executar a ação. Sem entendimento, apenas o exercício inútil de existir.

Zumbilândia

Ao contrário do que dizem, não alimento a dor. Apenas não fujo dela. E muito menos renego o prazer. A vida é feita de prazer e dor. Vivencio o prazer com a mesma intensidade com que vivencio a dor. Quem foge da dor, vive a vida pela metade. E disso também não podem me acusar, pois vivo a vida em sua plenitude, enquanto vejo um monte de zumbis caminhando pela Terra, extasiados pelo prazer falso que alimentam a cada dia, como criancinhas que não querem entender que a mamãe se foi e que têm que se virar sozinhas. Estão todos entorpecidos pelo prazer. Vivem a vida pela metade e me olham com ódio por lembrar-lhes sua covardia. Eles dizem que eu não gosto de viver. Mentira, quem não gosta da vida são eles, que se negam a vivê-la de fato, enquanto me ameaçam com sorrisos. Pois aqui na Zumbilândia, pessoas como eu correm o risco de ter o cérebro devorado, já que o zumbi abomina a consciência.

Sala de espera

Não sou como eles, não posso viver como eles. Escorpião no meio de escuras pedras úmidas. Outra vez, na sala de espera. Difícil dizer se é real a fantasia de um beijo ou o gosto da saliva. Não é preciso tocar a ferida para senti-la. A solidão é a ilusão dos suicidas. As perguntas são chagas que resistem à cura. O sonho é real da mesma forma que a realidade pode ser um sonho. Caixa encefálica, casa das tripas elétricas que conhecem o mistério que separa ilusão e realidade. Mas tenho para mim que, no fim, as duas coisas são uma coisa só. E, enquanto o fim não chega, na sala de espera, a cor não entra e o tempo parece parar.

Yabba dabba doo!

V. G., espero que não me odeie por tentar devassar sua alma. Tenho como minha defesa o fato de que nenhuma alma pode ser completamente desvendada, já que sempre será complexa e envolta em mistério. Não, não poderei atingir sua essência radiante.

Na ancestralidade do olhar, pelo, cabelo, DNA. *Power*, Vietnã, Sansão, homem das cavernas, versos ancestrais, rebeldia, incivilidade, animal casca da alma, vaidade ou poder, testosterona, crespo, liso, Darwin explica, inclemente natureza. Grão de ancestralidade, cabelo de *hippie* pós-tudo, francesinho *intellectuel*, na vivência da querência ideológica ou vazia. Cabelo choca, conservadores há, anacrônicos, que ainda se arrepiam diante do cabelo. Querem cortá-lo e emascular seu dono, não querem permitir o poder. Cabelo despenteado, tentativa de refletir o íntimo caótico em certa continência calculada e a desejada rebeldia. No seu olhar de cabelo que busca enlaçar ao vento o interlocutor, olhar que seu cabelo pretende ocultar, artifício de esconder-se. Pensam que ele é o cabelo e são ludibriados, pois não tocam o olhar, cabelo que esconde a fineza dos traços que não podem chocar. Sem o cabelo, mais um entre tantos, cabelo, a tatuagem provisória que o corpo não quer aceitar, cabelo para ser visto, notado, importante. Cabelo para ser amado, fios, brilho, disfarce. Metonímia que atrai mas distancia seu objeto verdadeiro, seu id, seu ego. Cabelo que anseia pela companhia da barba espessa, mais uma máscara na brincadeira

de atrair e ocultar. Força, cabelo que oculta a fragilidade inerente ao ser. Cabelo que quer ser cuidado. Medo medo sempre o medo de ser mais um, todo ele impresso no cabelo que se arrepia de frio naqueles momentos e que pede carícias de mãos amigas sem medo do toque. Medo de revelar-se e sucumbir à fragilidade. Cabelo de menino, Peter Pan brincando na terra dos Flintstones. Cabelo, masculinidade ancestral, que oculta a luz da alma que a cada dia se afasta do animal. Cabelo, para ser forte, para ter equilíbrio e não se vergar ao sabor do vento. Cabelo para ser alguém. Alguém que é muito mais do que um cabelo. Talvez ainda não saiba que sua rebeldia não está nos fios, mas na alma que deve ocultar por uma questão de sobrevivência.

Em nome do pai

A mulher lançava olhares sedutores para o jovem bonito de quem as filhas e suas amiguinhas estavam a fim. Como mulher mais velha, conhecedora das artes da sedução, sobressaía em muito aos risos fáceis das menininhas tolas, excitadas com o estilo James Dean do rapaz. A filha e as amiguinhas ainda não tinham aquele brilho de *femme fatale* nos olhos, que obscurece o olhar da mulher mais velha. O jovem, macho esperto, percebeu logo o olhar da mulher-mãe e alimentou a sedução. O desejo estava no ar e manifestava-se nos olhares dos dois animais silenciosos, no movimento das mãos e nos meios-sorrisos de macho e fêmea excitados. O pequeno *voyeur* logo percebeu todo o jogo e quis chorar. Puta, vadia, piranha, lasciva, safada! Fechou a cara e não falou com mais ninguém. Pela primeira vez, pareceu-se com o pai e foi solidário com ele. Diante da lascívia materna, o edipozinho teve certeza de que nunca fora especial para ela, mãe-mulher, e que o pai a quem sempre quisera eliminar de seu caminho era apenas mais uma vítima do olhar sedutor daquela prostituta. O amor pelo pai surgiu naquele momento. E o ódio pela mãe seria alimentado desde então.

Rastros

Rastros humanos soltos no tempo e não mais no espaço que me cerca, tempo e espaço que me devoram sem piedade. Amores, amantes, amigos e a separação. Bem melhor o apego às coisas, às pessoas não, as coisas não deixam marcas, fumaça que se dissipa no vento, no tempo. Desprender-se do outro, neste parto infinito, é sangrar a cada dia, é gemer, é pedir o alívio sem descarnar esse ente entranhado no ventre da carência e da solidão. Desapego é bem-vindo, estou pronto, no entanto não vem. Fico aqui remoendo amores, amantes, amigos, cicatrizes na alma que não me permitem esquecer. Antes apegar-me às coisas, estas não deixam rastros, dissipam-se na memória, sem vestígios, sem emoção, sem saudade ou dor.

Caras & caretas

O cigarro, caras, já foi transgressão, hoje não é mais. Hoje cigarro é coisa de viciado decadente, discriminado em restaurante, olhado assim de lado pelos moralistas com cartão de ponto. Cigarro hoje é coisa de viado ultrapassado em suas boates de ilusão. Talvez, caras, por ser assim meio proibido, o cigarro agora bandido, volte a ser usado como rompimento. Mesmo com câncer de pulmão e o risco de não ser beijado nunca mais. Porque beijar fumante, só com muito amor, boca de fumante não dá tesão. O álcool, caras, enquanto não é condenado, continua na boca de muito jovem alienado, e velhos também. Mas o álcool já permitiu a criação de muitas obras artísticas importantes, não sou eu quem falo, são outros mais inteligentes do que eu. As drogas, ah! as drogas, Baudelaire e Hendrix rolam no túmulo. O que antes era abertura da mente, liberação da consciência criativa, o que antes era subversão, hoje é hábito de caretas. Um bando de burguesinhos que nasceram pra casar e ter seus monstros-filhos, seu empreguinho ou empregão, trocar de carro todo ano, viajar pra Disney com os pirralhos-otários ou para Bariloche ou para a decadente *Miami*. Caras, são esses caretas que encaretaram as drogas. Eles buscam nelas a curtição inconsequente e vazia, um veículo para a excitação, o entorpecimento, o esquecimento, a alienação. A vida está pesada, e os caretas não aguentam as chineladas, eles não suportam o peso da vida. Drogas hoje, caras, é

símbolo de banalização. De instrumento criativo-subversivo de marginalizados e artistas, para febre caretoide elitista, preocupação social, já que os marginalizados nasceram para se foder, mas a elite precisa ser protegida dela mesma. Elite careta e drogada, acreditando na invencibilidade, crente de que não vai se perder, pegando pacotinhos de motoqueiros obscuros em esquinas de colégios ou faculdades, em que escolhas são feitas sem critérios, sem consciência, em que zumbis vão sendo formados nessa névoa da existência. No meio de tanto afeto e solidão, caras, a fuga e o medo dão as mãos. Maconha é besteira, não pesa não, mas é porta de entrada pra barra mais pesada daqueles que não suportam a dor existencial. Banal, droga é coisa banal. Banalidade que não atrai quem sempre foi diferente e não consegue caminhar na mesma estradinha de pedras amarelas que leva à ilusão, banalidade que vem de duas ou três décadas talvez. Droga hoje é feijão com arroz, trivial. Ser transgressor hoje, caras, é viver a vida de cara limpa, é levar o soco sem anestesia. Isso é ser transgressor, o resto é conversa pra *boy* dormir. Ah! e como dorme!

Solidão é...

Solidão não é viver sem beijo, sem língua quente acariciando a sua. Solidão não é viver sem abraço, sem toque, sem cheiro de sexo fresco pulsando diante do seu desejo. Solidão não é viver em silêncio, trancado no quarto, imerso em pensamentos e insaciedades. Solidão não é ser mal-humorado e depressivo, em cantinhos escuros dos becos da vida. Solidão não é sofrer calado, enquanto os olhos que o cercam não conseguem ver a dor que é só sua. Solidão não é ser ignorado na festa em que todos se divertem menos você. Solidão não é estar invisível no meio da multidão. Solidão não é ser pouco atraente e ser a sombra do amigo boa pinta. Solidão não é beber sozinho no bar, enquanto as outras pessoas confraternizam. Solidão não é sair sozinho à noite e chorar sob a chuva porque tem vergonha de expor sua dor ao mundo. Solidão é olhar-se no espelho e não conseguir ver o próprio reflexo.

Só por um dia

Sair com amigos falsos. Beijos sem afeto. Abraço sem entrega. Sorriso sem alegria. Outra espécie de vazio. Culpar os outros. Não assumir responsabilidades. Compactuar com a dadivosa ignorância. Inebriar-me de fé. Dizer inverdades agradáveis. Ser um monstro sem culpa. Fechar os olhos para a miséria humana. Sentir a alegria dos estúpidos. Usar álcool para agradar aos amigos. Fazer parte de uma tribo. Ser igual e aceito. Chorar em velórios. Sorrir em casamentos e aniversários. Fingir que me importo. Sorrir sorrir sorrir. Ser fã dos artistas do entretenimento. Trabalhar só pelo dinheiro. Maldizer os gênios. Glorificar minha incompreensão. Discriminar os infelizes. Dirigir bêbado. Torcer por um time de futebol. Seguir a lei do mínimo esforço. Amar sem verdade. Alimentar a hipocrisia. E, só por um dia, ser feliz.

Alegoria

Sem vírgulas, sem pontos e vírgulas, sem pontos-finais, sem reticências, sem exclamações. Interrogação invisível. Ausência do escrito inscrito na pele, com faca afiada, amolada em pedra. Sem letras solitárias. Palavras não. Sem pingos nos is. Sem agudos, graves e circunflexos e vogais. Trema extinto. Página em branco, neve, nuvem, esperma.

Prometeu

Sou Prometeu. Dou-te o fogo. Não premedito a esperança; mas a certeza da tragédia. Queimarás! Queimarás! O fogo para ti é a glória suprema. Destruirás teus inimigos e a ti mesmo. Dou-te o fogo e nego-te o conselho. Coloca a mão no fogo e saberás quem és. Sou provocador. Acorrentado, enquanto a águia come meu fígado milhares de vezes. É o preço que pago para dar-te o fogo, a luz e a dor.

Gato e rato

Meu olhar de homem seu nariz de homem minha boca de homem seu olhar de homem meu nariz de homem seus braços de homem minha mão de homem sua boca de homem meus pelos de homem seu cheiro de homem meus braços de homem seus pelos de homem meu cheiro de homem sua mão de homem minha pele pai filho amigo amante irmão confusão de espelhos eu gato você rato eu rato você gato eu macho você puta eu puta você macho, acho.

Envelhecer

Rostos sombras mágoas sorrisos cheiros gostos máscaras lágrimas esgares amores ódios luzes sombras certezas dúvidas mortos medos imagens sons olhares abraços sombras rancores prazeres nascimentos desaparecimentos estranhices melancolia sombras desejo esperança suicídio chicotes archotes podridão cosméticos manias mãe filha tia só crueldade sombras solidariedade lixo reciclagem de sentimentos lições mortes sombras paixão razão loucura amigos inimigos esquecimento conhecimento físico metafísico sombras tudo nada dores gozos beijos escarros desprezo acúmulo cheio vazio superlotado abarrotado de emoção.

A vida é falta

A satisfação humana sempre será utópica, o nosso destino é a insaciedade, o que nos faz seguir, o que nos torna grandiosos e deploráveis. Em prol da saciedade insaciável, erguemos monumentos e destruímos torres, criamos deuses e adoramos demônios, cortamos a carne, escarramos na comida, usamos o outro na ilusória destruição do que é solitário, sangramos corações apaixonados e nos curvamos diante da psicopatia, essa monstra sem buceta e sem cu, sem escrúpulos, sem remorsos, capaz de tudo. Por isso, sempre seremos solitários, pois a vida é intrinsecamente a falta.

Vulcano

Em meio às orgias e ao ópio, sou Sr. Spock, espécime rara em um zoológico humano, elo perdido entre a decadência e a esperança de uma raça sem futuro, escrava das sensações, imersa no eu absoluto, raça de miseráveis que buscam somente o próprio êxtase, sem altruísmo no gozo. Mas, às vezes, sinto o cheiro do capitão Kirk, e uma imensa vontade de beijar sua boca toma conta de mim. Então fecho os olhos e vejo meus ancestrais de sobrancelhas em pé, a suspeitar que este vulcano esteja se tornando vitruviano.

Amor

Para com esse discurso de amor-libertação! Se quer ser livre, não ame. Todo amor é prisão. Todo amor nasce da falta. Todo amor é doença. Todo amor é obsessão. Todo amor é unilateral, acredite ou não. Todo amor é desejo de morte. Todo amor é ilusão de não estar sozinho. Todo amor a gente constrói e também destrói.

Monólogo de um velho

A Arthur Schopenhauer.

Enquanto você me olha com desprezo e julga que sou decadente, ultrapassado e moralista, não percebe o meu desprezo pela sua ignorância. Você acha que pode beber tudo, cheirar tudo, dirigir sem cinto de segurança, foder loucamente e que nada disso terá consequências negativas. Você nunca terá coma alcoólico, overdose, tetraplegia ou AIDS. É, você transa sem camisinha e ainda acredita que os bebês brotam em repolhos. Você gosta de pular sem rede de proteção e acha que não cairá no duro chão, que nunca quebrará todos os ossos do seu lindo e atraente corpo. Você acha que tudo que falo é besteira, coisa de velho decrépito e ressentido, pois a sua ignorância é nublada pela sua arrogância. No entanto, sei mais do que você e, instintivamente, tento evitar que cometa os mesmos erros, apesar de a razão me dizer que é impossível evitar sua dor ou sua morte prematura. Só faço isso porque você é meu passado e também o meu futuro.

Esse vão

Esses rostos que se vão porque se vão esses olhos que se vão por que se vão esses sorrisos que se vão porque se vão e eu aqui sem me desprender dos olhares dos cantares dessas vozes que se vão eu aqui a lamentar a falta ausência dos que se vão por que se vão eu aqui a sentir um vazio dentro de mim porque se vão eu aqui a colecionar olhares sorrisos e cheiros que se vão o andar lento e melancólico daqueles que se vão eu aqui a implorar a eternidade inexistente de todos os amores que se vão amantes amigos irmãos por que se vão sempre se vão e me deixam o vazio que antes ocupavam suas existências porque se vão por que se vão.

Direito à xilocaína

A favor da liberação da maconha da cocaína da heroína da xilocaína da toxina do suicídio assistido. Ser indivíduo livre que tem o direito de ter câncer de pulmão overdose e vexames alcoólicos. Ninguém duvida que existe o lado bom da questão a não ser os néscios é claro. Faz mal? O que importa é o direito de me fazer mal sem o controle estatal do meu entorpecimento ou de minha morte suicida assistida. Ser responsável pelas próprias escolhas em repúdio ao poder do Estado de impedir o direito de escolher. Direito à xilocaína à toxina e à liberdade.

Morte às tribos opressoras

Em cada incursão ao mundo exterior, me deparo com a mesmice, com a maçante falta de originalidade. O mesmo sorriso de fotografia, a mesma superioridade no olhar, o mesmo medo de si mesmo. As tribos oprimem seus integrantes, oprimem a si mesmas, oprimem todas as existências. Como é pesada essa atmosfera inacreditavelmente igual. Idades, sexos, fés, preferências, tudo igual, tudo opressivamente igual. Já rocei em várias delas, busquei suas essências vazias. Elas se fundam na diferença, mas são meramente iguais, repetitivas, repetitivas, re-pe-ti-ti-vas. Cartomante do tédio, sei de seu passado, de seu presente e de seu futuro. Sou inadaptado, quero a morte da deletéria coletividade animal e o nascimento do homem único, original, atravessado pelas diferenças, capaz de surpreender, o homem que pensa por si, o homem inteiro e não fragmento de um grupo, o homem independente, o indivíduo que não há, o único que não há, exterminador das tribos, que despreza esse mundo sem surpresas, um mundo mergulhado em tédio e opressão, e com uma casca tênue de felicidade.

A morte do artista

O artista busca a morte, em desespero, em agonia, em estado perene de angústia. Pois atingir a perfeição é encontrar a morte, a morte da própria arte, que se preenche na busca incessante do impossível. E, na busca pela morte, o artista atinge a eternidade, marcada em suas obras para sempre imperfeitas, maculadas pela busca do impossível. Ele é um suicida frustrado, condenado à vida eterna, em busca do orgasmo perfeito, que o matará definitivamente. Autodestrutivo, sua arte é uma estrutura em desconstrução.

Mestre

O olhar que se afasta, o sorriso que se afasta, a admiração que se dilui pelo ralo do esquecimento, o herói que já não é, sou eu assim já em carne e osso, já mortal e vazio, já tão pouco genial, já tão pobre de amor. Destruidor de ilusões, ataco aquele que me ama, preço que pago por sua autonomia, solto a mão que agarra a minha, deixo as mãos livres para o adeus, digo palavras duras e por dentro sofro, pois quero ser eternamente o ídolo, o exemplo inigualável, mas guardo o pranto para a insônia noturna e com cara de mau digo que não amo como antes, que os enganos nublaram minha razão. Firme, vejo-o afastando-se, meio curvado pelo peso da solidão imposta, porém mais resistente a tudo. E sem saber que sempre precisei mais dele do que ele de mim.

Ácido

Devia acordar às seis; mas acabei acordando às nove, depois de sonhos absurdos. Emagreci dez quilos e voltei a usar ácido. É difícil suportar a vida. Tentei me matar algumas vezes; mas só consegui viver. Quem disse que a felicidade existe está queimando no inferno. Meu pai me olha como se eu fosse um acidente genético. Quem me falou de flor e amor me ensinou o ódio. Ainda vejo a vida em preto e branco. As contas que não paguei batem à minha porta. As bocas que não beijei são as mais saborosas. Sou profeta urbano tendo visões do nada. Lembro o fracasso da humanidade, por isso os inebriados de fé não querem estar ao meu lado. Sou tão pernicioso quanto a realidade.

Werther

À noite, acendo uma vela longa e misteriosa, sento-me à mesa da cozinha, pedra fria, e leio páginas e páginas de Goethe. O jovem Werther defende o suicídio e a liberdade, enquanto, sob a luz sombria, sinto-me tão perto dele, tão finais de século XVIII. Ao contrário do que esperava, não sinto a impaciência pela falta de luz elétrica, sinto-me um leitor completo, somente o livro e eu sob a luz fraca da vela misteriosa. E quando a luz elétrica surge, certo lamento silencioso invade minha mente, e Werther afasta-se de mim, rumo ao seu destino fatal. Fico aqui, sem vontade de dar fim à própria vida; mas chamando-me de mau. Nego esmolas a criancinhas enquanto sofro calado diante das amizades que agonizam. E, de madrugada, sonho com bebês-raízes brotando homens do futuro.

Cicatrizes

As cicatrizes têm rostos, olhos, narizes, bocas e até cheiros; sorriem, choram, dizem-me palavras grosseiras em despedida; não me tocam, gozam sobre mim, desconfiam de minha afeição; admiram-me, decepcionam-se, afastam-se, desaparecem, morrem; porém ficam para sempre cravadas na pele da minha alma, lembrando-me o que foi e o que não pôde ser. E tento arrancá-las, com faca afiada, perfuro fundo a pele, tantas raízes grossas e sanguinolentas. Mas só consigo obter cicatrizes de cicatrizes, ainda mais fundas, ainda mais dolorosas. E torno-me este monstro de rancor, certo de que a morte não deprime ninguém, o que nos deprime é a vida.

Lodo

Por dessas coisas da vida, numa encruzilhada, fiz um pacto com mil demônios, porque pensei que o lodo era muito pouco pra mim. Mas nasci no lodo, sou lodo, atraio o lodo, e, apesar da água cristalina e do jardim de perfumes bom-moço, o lodo que está dentro de mim quer sair no grito de minha língua de lodo, na porra do meu pau de lodo, pois nasci pra lamber meus vômitos de lodo, apodrecer sorrindo, escarrar na cara dos bonitinhos e dizer-lhes palavras feias. Mas, algumas vezes, com roupas limpas e bem-passadas, tenho a ilusão de que posso disfarçar o meu cheiro de lodo e esqueço que gosto mesmo é de ser o lodo das esquinas, dos bares noturnos, dos carros de desconhecidos e de fazer os menininhos bonitos provarem do lodo e jamais esquecerem que um dia quiseram ser eu, mas eram fracos demais e não tiveram estômago.

A morte de tudo

Para ser sociável, fico calado. Já gastei palavras preciosas com idiotas sem valor. Não culpe a Clarice, ninguém tem culpa de ser genial. Meu único rompante consumista foi aquele caminhãozinho de plástico, boleia azul e carroceria alaranjada, ou vice-versa. Coloquei uma pedra enorme na carroceria. Ela não era eu, não suportou. Tenho inveja dos gênios e não dos endinheirados. O presente não tem valor se o passado não importa. Importar quando se é ignorado. Negar a própria vivência é morrer antes da hora. Ando de cabeça baixa porque sou brasileiro. Não haverá equilíbrio, então nos isolemos. Persistirá, pois só existimos no olhar do outro. Carnes apodrecem no açougue enquanto o cão dormita ao lado de uma tripa e de um escarro. No céu, brilham girassóis e arco-íris. Palavra dita é palavra morta.

Buraco no oco

A solidão é sem fim, sina, senão encravado no peito, coisa que não tem remédio, ausência, buraco no oco da existência, perene estado de espírito, condição humana, menina de tranças, pegajosa e mesquinha, que nem abraço de homem pode eliminar, homem que abraça assim que nem pai de pulso firme, abraço contenedor e protetor, diferente de abraço de mulher, mãe entregando a teta para entreter, oferecendo o alimento que engana o estômago, disfarça o frio na barriga, que determina que o outro nunca estará em mim.

Pedras de sal

Enquanto a vida apodrece, eu me canso. Caminho, sem revolta, rumo ao nada. E, em meus sonhos eróticos, não consigo gozar. Desprezo a humanidade; mas ressinto seu calor. Oprimido pelo vulcão de gelo chamado tédio, dormindo mal, comendo mal, mal fodendo, sigo idealizando afetos impossíveis, procurando teta de mãe em caralhos invisíveis, anestesiado pela psiquiatria e incompreendido pela psicanálise. Sou ídolo sem adoradores ou sacrifícios, poeta da dor, punhetador, que chega a duvidar da própria existência. E, em meio a filmes, livros, papéis, afetos e neuroses, soluço o choro que brota pedras de sal.

Minha fé

Sou cavaleiro andante, sem moinhos de vento, sem escudeiro, sem Dulcineia. Sou cavaleiro solitário, montado em meu cavalo de nuvens, professando minha fé. Minha religião é a Arte. Dela vivo. Para Ela vivo. Submeto-me às Suas vontades misteriosas, entrego-me de corpo e alma, embevecido em devoção. Sacrifico-me. Submeto-me a essa Deusa Suprema, Mãe Universal, Criadora de Tudo. Sugo o Seu leite abundante, degusto Seu mel e Seu fel. Arte, Mãe Onisciente, Mãe Onipresente, a Ti me entrego, diante de Ti me curvo, sou parte de Ti, sou a Senhora, pois a Senhora é Tudo, eu sou Tudo. Mãe Dadivosa, que me ensina o equilíbrio entre a Sensibilidade e a Razão. Se é pela Razão e pela Sensibilidade que me perco, é também por Elas que me encontro. É a partir de Ti, Mãe Sensível, Racional e Generosa, que me salvo do desequilíbrio tão peculiar ao ente humano, que não me perco nos extremismos inerentes à busca da verdade não pautada no Pensamento em conjunção com a Sensibilidade. Mãe do Pensamento Supremo, Mãe da Sensibilidade Total, ensinaste-me a viver diante da oscilação do Pêndulo Existencial, que sempre toca o Centro. É por Ti, Mãe, que respiro, que amo, que gozo, que sofro, que vivo. Sou parte de Ti e para Ti volto todos os dias. Arte, Mãe Suprema, meu Tudo e meu Nada.

Coisa em si

Experiência transubstanciada, assim como a vida, a arte realiza-se na busca de roçar o sublime e inebriar-se de nada. Fui homem, mulher e menino, animal e até monstro, nesse mágico labirinto em que tudo me perpassa, corrente elétrica, convulsão doentia, esgar de orgasmo. O inatingível, a não satisfação, a coisa em si, preenche de nada o coração deste vampiro da dor, que busca o sol. Na transubstância, afogo-me em delírio e mais nada.

Melópole

Um lobo uiva no centro da cidade, e ambulâncias coroam a sua dor. Olhos curiosos constelam o céu. Aranhas descem desengonçadas em rapéis. E formigas empunham seus capacetes sem rancor. O trovador melopeiza o caos em onomatopeias de fumaça e cal. Hienas (só)riem no asfalto, enquanto as máquinas desumanizam tudo. E os devotos adoram seus deuses e ostentam o brilho da superioridade no olhar e o embevecimento em imbecilizados sorrisos deleitosos ao Senhor. E também os falsos hereges, como vermes, preferem contorcer-se na inconsistência.

Sem anestesia

No carro em frente, toca um *reggae*, enquanto o motorista limpa o nariz e olha para uma mulher gorda de um metro e trinta. O pensamento dói, é sabido, por isso os homens, eternos animais no cio, olham para todas as mulheres. Restam-me nada além da indecência da decência e o desprezo pela humanidade, besta domesticada. Os ratos sempre serão ratos. *Voyeur! Voyeur!* Ah, êxtase daquele que goza com todos os paus alheios e despreza o falo seu de cada dia. A mulher é misantropa e devassa, um carro-forte demolidor. Não posso me conter, fluxo e refluxo queimam minhas pregas vocais. A dor é melhor sem anestesia.

Olhos famintos

Thaianne Guimarães e Vitório (Vítor Gabriel), sentirei muita saudade de vossos olhos de luz.

Olhos famintos alimentam minha voz, comendo minhas palavras com dentes de leite afiados que iluminam o meu saber, sem desperdiçar as migalhas de minha existência, que grudam nas comissuras da boca ou se prendem na barba por fazer. Dentes de olhos vorazes que mastigam metáforas como se fossem doces ou carne que sangra em dia de domingo. Olhos que salivam com fome do querer e bebem minhas dúvidas e entontecem na delícia da incerteza. Olhos famintos de vida e de arte, de sons e cheiros, de sabor existencial, inebriados de tudo e de nada. Famélicos olhos gordos de querer. Chamas acesas na minha noite, que me mostram o caminho quando eu pensava em me perder, que comem, que mastigam minha língua enquanto os grilos de Jim Wilson cantam em minha cabeça.

Abstinência

Borboletas no peito e na cabeça, coração brinca de parar, mas vem a taquicardia, pesadelos a fio, sou parte do intestino e vejo a merda se formar, no meu cérebro infinitas cigarras insistem em ziziar, choro lágrimas de lava que queimam meu rosto, agulhas têm olhos e dente de vampiro, náuseas cortantes, vomito a própria merda e o fel alheio, meu suor faz o colchão pingar, meus gritos despertam os uivos dos cães, e quando volto do inferno, o céu já não existe mais, e descubro que posso viver sem ele, e, de mãos dadas com a morte, percebo que viver é morrer, seja na ausência, seja na entrega, a paixão mata, e viver sem ela é como não viver, mas duvido de mim mesmo e da realidade e sinto o agora como se fosse o nunca.

Animalidade e sublimação

Suicida e assassino, mata com a espada de sangue e é morto por ela, Eros e Tânatos de mãos dadas *ad infinitum*, o sagrado e o profano, o animalesco e o sublime, perpassam os corpos e as religiões, análise freudiana da fé, religiões pulsantes, animais sublimes, todas emaranhadas em sexo, nascimentos, guerras e mortes. Cruz cristã, falo paterno que emascula o filho. Jesus Cristo, deus vivo e castrado. Buda, clássica passividade feminina sublimadora, o não pensar é o não viver, morte. Arjuna e Cristo são emasculados por seus deuses e controlam o próprio ódio pelo não poder. Cristo, Édipo frustrado, morto pelo pai, mãe sacrificada por um mortal. Entre Eros e Tânatos vamos vivendo, inconscientes, apesar de Sigmund, luz perturbadora, enquanto Segismundo ainda acredita que *la vida es sueño*. Deuses odiados, pais invencíveis, sem filhos para combater, combatem entre si. Que seja feita a vossa vontade! Tudo não passa de uma disputa de poder entre mortais ou entre animais sublimados. Nem isto nem aquilo, nem antes nem agora, nada original, inclusive o texto-eu diante de seus olhos. A paz e o amor *hippies* foram uma tentativa frustrada de uma sublimação que o ódio e a guerra aniquilaram.

Samsara

O artista não pode ser submisso a um deus, nenhum deus pode ser submisso a outro. Deus de sua criação e submisso a ela, só existe porque sua obra existe, só é porque ela é, não pode ser soberano, nenhum deus pode, nenhum deus existe sem sua criação. Ah, depressão irmã do tédio! Tudo precisa ser nomeado, a dor inexiste sem a palavra. Atraído pela monstruosidade, minha arte é o avesso da arte bela, não sou beletrista, busco a imperfeição, desafio todos os deuses, inclusive a mim mesmo. Vejo imperfeição em tudo, insatisfação perene, busco o grotesco, o feio, não sei ver a beleza sem mácula. Mergulhado no feio e fétido delírio, alheio ao anjo de tez serena, converto-me e subverto-me em tantas vidas. Incapaz de ver o belo, delírio imbelo, corrompo as minhas e as suas vidas. Sina: neurose. (C)analise.

Um dia de não

O pintor fez um estrago nas paredes da minha casa, caralho, e está tudo fora do lugar. Uma adenoide impede minha respiração, sensação de morte. Meu *mouse* resolveu ter vida própria. E o correio prendeu minha encomenda. Estou tão mal-humorado que consigo transformar água em gelo com um simples olhar. Vontade de gritar, chorar, maldizer a vida. Mas os olhos estão secos. Vivo numa casa-monstro que me devora a cada dia, que apodrece a cada dia e que não se deixa consertar nem por mim nem por ninguém. Estou pensando muito em sexo e comida e não tenho o mínimo de tesão ou fome, gozar e engordar. A boca está seca e sinto um gosto de fel na garganta vermelha de fumante. A *internet* está lenta. Meus neurônios estão torrados e minha conta está zerada. Quero estar sozinho, mas também sinto falta de voz amiga e olhos de adoração. Não consigo ver porquês, apenas deformações, no chão, no teto, na parede e em mim e em tudo que brota de mim. Nem espremendo meus olhos vou conseguir derramar esta lágrima de vidro grudada no fundo da órbita. Preciso não pensar e não sentir e neutralizar esse ácido que corrói meu estômago guloso de prazer e fuga.

Cesta de Natal

O vinho ruim vai para minha vizinha alcoólatra, quem sabe assim ela para de jogar camisinhas usadas no meu quintal. O saquinho de balas vai para o menino da casa verde da esquina, a peste insiste em chutar a bola direto no meu portão. PAM! GOOOOOOL! O doce de leite com gosto de rapadura vai para a velha rabugenta que mora em frente, na esperança de que ela pare de me olhar como se eu fosse um psicopata. E o panetone, ah! o panetone vai para o meu jovem vizinho traficante, talvez ele possa dar-lhe um bom recheio. O azeite de oliva vai para o meu vizinho dos fundos para dar sabor à salada que mantém seu corpo magro e flácido. Os bombons baratos, posso envenená-los e dar ainda mais prazer aos gatos que fodem toda noite no meu telhado, a me lembrar que não fodo há séculos! Ah, todos eles merecem um feliz Natal.

Pena capital

Meu assassino é um jovem drogado que vive dia e noite no boteco da esquina, fumando e cuspindo de lado. Ele me olha com lascívia e maldade e provoca meu corpo com sua falsa fragilidade de cafajeste criminoso. Sou todo entregue ao mal e à morte. É homofóbico, todos sabem, e convidou-se para beber em minha casa hoje à noite. Caminho para a morte com a serenidade dos culpados com destino à pena capital, inseto que será devorado pela fêmea reprodutora. O mais engraçado é que ele é católico e persigna-se três vezes diante da igreja, eu já vi.

Aequilibrium

Equilibrados em teoria e falsa prática, não tiveram a morte anunciada pela falta de tudo, de matéria e sentimento. Não sabem como é instável caminhar na fome e no desemprego, na impossibilidade da escola e dos livros, no medo do trabalho infantil, na rejeição e no preconceito, na impossibilidade material de fato e sem escolha, na opressiva falta de liberdade de classe. Não, não se pode ser equilibrado se não conheceu o inferno e sobreviveu a ele, sua prova de fogo. Todo o resto é apenas uma ilusão, tentativa de preencher o vazio existencial.

Virtude

Minha maior virtude é não ter virtudes. Sou torto, canhoto, estropiado, mal-acabado, cansado, faço tudo errado, ando na contramão, sou inconveniente, pedra no sapato, espinho no pé, cisco no olho, sou Frankenstein. Meu ego é do tamanho do mundo e meu coração é escuro e podre. Meu beijo é ácido e amo só quem me despreza, masoquista filho da puta que me pariu, não consigo enxergar o sentimento verdadeiro.

Punheteiro

Onanista adorador de mãos e pênis, chupo os dedos de minhas próprias mãos, que tateiam corpos conhecidos, estranhos, (in)visíveis, mãos que recriam o gozo perfeito e exato e duplo e múltiplo e recíproco e carinhoso e romântico ou violento, mãos cobertas da mais branca e densa porra de homens perfeitos em minhas mãos, com beijos frescos, salivas saborosas e cheiros agradáveis de peles e suores sem artificialidade de perfumes, homens que me amam e me usam, que sofrem minha fúria e minhas lágrimas, satisfeitos na fantasia dessa orgia secular e extremamente (su)real, mãos que traçam letras e corpos, que enlaçam pênis e canetas e tremem de prazer ao tirar o gozo do pau e esporrar a tinta sem mata-borrão no delírio da escrita.

Insetos

Insetos suicidas buscam luz janela aberta para a morte luz acesa e irresistível invadem kamikazes e colidem com meu corpo chuveiro e água desliza corpos rumo ao ralo todos cobrem meu corpo escorregam meu corpo frágil flácido magro meu corpo viril pálido meu corpo peludo desnudo meu corpo reto ereto e com sutis angulosidades meu corpo frio azul quente vermelho meu corpo genuflexo lasso fácil e rígido meu corpo osso peito joelho meu corpo cu caralho e boca meu corpo olhos cheiros meu corpo vivo pulsante morto invadido por insetos vorazes que querem possuí-lo em vão gelo descongelado de verão luz de insetos.

Ego absoluto

O eu é supremo. A matéria e a antimatéria só existem porque tenho consciência delas. Você só existe porque tenho consciência de você. Eu só existo porque tenho consciência de mim, se não me sei, não sou. A ignorância é a morte. A memória é uma forma de prolongar a existência, e a saudade é uma anestesia para o esquecimento. Toda a dor e todo o prazer e todo o medo e toda a coragem e todo o desejo e todo o nojo e todo o amor e todo o ódio, enfim, toda a realidade material ou abstrata, física ou metafísica, reside no eu. Não adianta fugir da solidão, ela é inerente a todos nós. O outro é pura ilusão, criação da mente. Os outros somos nós mesmos, ego absoluto.

A falsa sanidade

Fui condenado a conviver com pessoas que acreditam que os livros enlouquecem e preferem o conforto falso das religiões e não percebem que a loucura é a solução e que as religiões abominam os loucos. Exorcizem-me! Estou possuído por infinitos demônios: Freud, Nietzsche, Proust, Joyce, Virginia Woolf, Clarice Lispector, Machado de Assis, Caio Fernando Abreu; demônios que me estupram e tiram de mim a ingenuidade, a pureza que me faria presa fácil de deuses poderosos que mantêm tantas pessoas escravas da ignorância. Pois Lúcifer caiu, e os loucos são menosprezados em benefício da falsa sanidade.

Paus e pedras

Na nossa cultura, uma mulher que amamenta é como um homem que mija na rua, você olha mas desvia o olhar. A mulher expor os peitos sem a desculpa da amamentação é como o homem expor seu pau duro em público, obsceno, vergonhoso, pode gerar reações violentas. Peitos são apenas peitos. Paus são apenas paus. Mas todos eles estão carregados de cultura. A mulher não é castrada, ela tem o seu pau; não é fálico, são redondos. Perder os peitos é a castração feminina. Da mesma forma que o homem gosta de mostrar seu pau duro para demonstrar poder, a mulher pode exercer poder ao expor seus peitos; assim como nos homens, quanto maiores, mais poder. O *topless* no Brasil é mais do que uma ofensa, é uma ameaça ao poder masculino. E entre peitos e paus e fantasias eróticas incestuosas, cada um com seu leite, com seu gozo.